



**ANO INTERNACIONAL
DAS FLORESTAS • 2011**

FLORESTA PARA TODOS

WWW.FLORESTAS2011.ORG.PT

NEWSLETTER - ANO INTERNACIONAL DAS FLORESTAS EDIÇÃO 03 | ABRIL 2011

PARQUE FLORESTAL DE MONSANTO: NOTAS SOBRE A SUA GESTÃO



Carlos Souto Cruz

Parque de Monsanto em 1939

O Parque Florestal de Monsanto, com cerca de 1000 hectares no concelho de Lisboa, constitui uma floresta peri-urbana que é unanimemente reconhecida como uma mata-modelo para fins de protecção e recreio, quer no contexto nacional, quer no contexto europeu.

Em 1938, a serra de Monsanto era praticamente desprovida de coberto arbóreo, pois tinha sido agricultada ou utilizada como pastagem. Os solos do manto basáltico constituíam um excepcional solo para a cerealicultura, facto que conduzia a produções de trigo muito elevadas, traduzida na mais de meia centena de moinhos de vento que no século XIX cobriam a Serra.

Desde o início da sua criação, a gestão da vegetação no Parque Florestal de Monsanto passou por três fases distintas. A primeira, de 1938 a 1960, com a finalidade de instalar a mata, uma segunda fase, entre 1960 e 1990, onde a sucessão vegetal natural passou a cons-

tituir o principal objectivo, para a partir de 1990 se passar a uma terceira fase onde o controle das infestantes arbóreas (ex. acácias) constituiu a principal preocupação.

Contrariamente à “lenda urbana” de que a florestação de Monsanto foi apenas feita com os excedentes das plantas existentes nos viveiros, a realidade é que o projectista do parque (Arquitecto Keil do Amaral) e o silvicultor responsável pela sua florestação (Eng. Joaquim Rodrigo) estabeleceram um projecto de florestação de acordo com as diversas funções esperadas para o território: Matas de recreio à base de *Cupressus* spp. e *Acacia melanoxylon*; matas pioneiras à base de *Pinus halepensis* e *Pinus canariensis*; matas de crescimento lento, mas de duplo interesse: pioneira e recreio à base de *Pinus pinea*; matas de espécies autóctones, sobreiros e azinheiras nas estações mais secas e de carvalho alvarinho nas mais húmidas. Na década de

EVENTOS

7 ABRIL

4º CONGRESSO DAS INDÚSTRIAS
MADEIRA, MOBILIÁRIO E AFINS
AIMMP - FIL, LISBOA
INFORMAÇÕES EM:
WWW.AIMMP.PT

8, 9 E 10 ABRIL

EXPOFLORESTAL 2011
ANEFA
ALBERGARIA-A-VELHA

14 ABRIL

CONFERÊNCIA
“FIRE PARADOX – PRODUTOS FINAIS”
AUDITÓRIO FLORESTAL, ISA
INFORMAÇÕES EM:
WWW.SPCF.PT

27 ABRIL

CONVERSAS FLORESTAIS
(ÀS QUARTAS-FEIRAS)
INRB - OEIRAS
INFORMAÇÕES EM:
WWW.FLORESTAS2011.ORG.PT

27 E 28 ABRIL

SEMINÁRIO
“AS REDES PRIMÁRIAS DE FAIXAS
DE GESTÃO DE COMBUSTÍVEL
– PREVENÇÃO ESTRUTURAL”
AFN/ MUNICÍPIO DE MANTEIGAS -
MANTEIGAS

INICIATIVAS REGIONAIS:
WWW.FLORESTAS2011.ORG.PT



Parque de Monsanto em 2009

50 foram instaladas mais de 14 espécies de Eucaliptos (devido à pressão da população, que não entendia a lentidão do crescimento das espécies usadas).

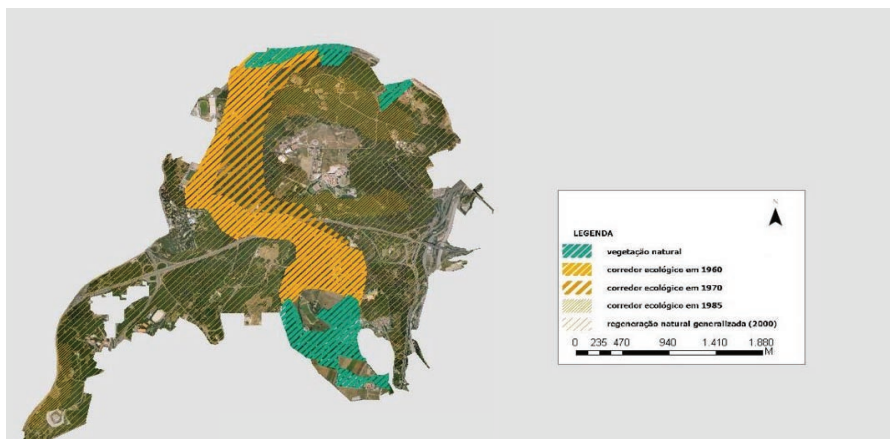
A partir dos anos 60, no subcoberto da mata instalada surgiram numerosos exemplares de abrunheiros bravos, carrascos e ulmeiros. Do mesmo modo, milhares de plantulas de aroeiras, adernos, folhados, medronheiros, zambujeiros começaram a povoar o subcoberto.

Tratava-se de uma disseminação feita pelas aves granívoras que percorrendo o parque ao longo das áreas de densa regeneração de toijas iam distribuindo as sementes, provenientes da Tapada da Ajuda e das Quintas, a zonas de Benfica ao longo de uma estreita faixa de terreno (desde logo designada de corredor ecológico de Monsanto). Com o passar dos anos esse “corredor” foi-se alargando e alastrando para outras

áreas do Parque. A regeneração natural de freixo e lodão também aconteceu. Esta situação determinou novas opções de gestão baseadas na sucessão vegetal natural e nas formas de como a mesma poderia ser acelerada com o objectivo de desenvolver novos tipos de comunidades vegetais. No entanto, acompanhando este desenvolvimento diversas espécies exóticas infestantes desenvolveram-se ao ponto de porem em risco as comunidades vegetais naturais, cuja eliminação se tem vindo a realizar nos últimos 20 anos como uma indispensável medida de gestão.

O Parque Florestal de Monsanto constitui, assim, uma mata modelo no contexto do Plano Regional de Ordenamento Florestal da Área Metropolitana de Lisboa, entrando o seu Plano de Gestão Florestal em consulta pública a muito curto prazo.

Carlos Souto Cruz – Eng. Silvicultor
(Câmara Municipal de Lisboa, Departamento Municipal de Ambiente Urbano)



Evolução dos corredores ecológicos em Monsanto

DESERTIFICAÇÃO, BIODIVERSIDADE E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

No quadro orientador da Estratégia Decenal 2008 / 2018 da Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação, integrando as intervenções para as comemorações da “Década das Nações Unidas dos Desertos e do Combate à Desertificação (2010 / 2020)” e do “Ano Internacional das Florestas”, avaliam-se propostas para o território Português e identificam-se lacunas / oportunidades para estabelecimento de novos programas / projectos de acção. O estudo comparado das três Convenções e a Declaração sobre Florestas tem por objectivo reforçar a ideia de que foram, sem dúvida, o grande contributo da Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento, que decorreu em 1992 no Rio de Janeiro. Conhecer os percursos comuns que se têm construído desde a Conferência do Rio ao Rio +20, bem como os objectivos propostos, é ponto de partida para se compreender a actual situação em termos de concretização e implementação das estratégias e compromissos assumidos. Neste sentido, o Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável (CNADS) com o trabalho que está a desenvolver, tem em vista a preparação da Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável em 2012, colocando a tónica na necessidade: Analisar, Estudar, Interligar, Planear, Agir. A governação ambiental mundial está bem

patente nos temas em agenda para a próxima Conferência Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, a promover pelas Nações Unidas em 2012, que são: *a economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza; bem como no quadro institucional para o desenvolvimento sustentável.*

A análise sucinta de cada uma das três Convenções, através da demonstração de que as preocupações que revelam e os problemas a que pretendem dar resposta são cruciais para o desenvolvimento da Humanidade, conduz à necessidade de haver uma reflexão sobre as sinergias entre as três Convenções, definindo indicadores únicos para todas elas. Assim, aponta-se como hipótese uma fusão entre as convenções referidas no que poderia ser uma “Convenção de Gestão Ambiental”.

Quanto às “Orientações para as Sinergias da Estratégia Decenal 2008/2018 da Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação”, que se dirige, fundamentalmente, às populações afectadas, através da aplicação de um conjunto mais alargado de indicadores, passam por: (i) promover acções de divulgação e sensibilização da sociedade em geral (para além das organizações), sobre os problemas em torno da desertificação; (ii) haver uma maior transferência do conhecimento actual para a sociedade em geral; (iii) reconhecer a ver-



Lúcio do Rosário

RECORDANDO A NOSSA HISTÓRIA FLORESTAL...

UMA FIGURA, UM EVENTO,
UMA IMAGEM, UM PENSAMENTO.

Bernardino Barros Gomes (1839-1910)



O primeiro e mais notável Engenheiro Silvicultor

Diplomou-se como Engenheiro Silvicultor em 1862 pela Academia Florestal de Tharandt, na Alemanha. Dedicou a sua vida profissional à Administração Geral das Matas do Reino, tendo sido sucessivamente Chefe da Divisão Florestal do Norte, da Divisão Florestal do Sul e, por fim, da Divisão Florestal do Centro. Foi autor de importantes trabalhos científicos de caracterização florestal do País e das principais Matas Nacionais. Foi autor de dezenas de obras, destacando-se a publicação das Condições Florestais de Portugal (1876) e das Cartas Elementares de Portugal (1878).



Em 1864 Bernardino Barros Gomes é encarregue pelo Ministério da Marinha de “proceder ao estudo dos processos de exploração e administração dos Pinhais da Machada e Vale do Zebro e propor as medidas convenientes para o seu melhor aproveitamento”. Nasce assim o primeiro Projecto de Ordenamento Florestal em Portugal, publicado em 1865.

“Para quem plantas? Planto para os Deuses imortais, a quem aprove, que aproveitando-se do trabalho de meus avós, meus netos também se hajam de aproveitar do meu.”
Cícero (Filósofo Romano)

José Neiva - Engenheiro Silvicultor



dadeira dimensão das áreas actualmente susceptíveis à desertificação; (iv) proceder a uma monitorização efectiva que permita avaliar a evolução. Portugal assumiu a execução desta tarefa, em parceria com a Espanha. Um dos aspectos mencionados, e que se considera crucial, é o reforçar do papel operacional das Comissões Regionais relativamente à aplicação do Programa Nacional, principalmente tendo em conta que a sociedade civil tem de estar presente e participar no processo, assim como as comissões regionais terão de desencadear acções e actividades de âmbito local que vão ao encontro das linhas estruturantes do Programa Nacional.

Actualmente sabe-se que 40% das florestas desapareceram nestes últimos 300 anos; 50% de zonas húmidas perderam-se desde 1900; 30% dos recifes estão degradados; 35% dos mangais desapareceram nos últimos 20 anos; a taxa de extinção das es-

pécies provocada pelas actividades humanas foi estimada em 1000 vezes mais rápida do que a natural; cerca de 60% dos serviços dos ecossistemas degradaram-se nos últimos 50 anos. Desta forma, é fácil chegar à conclusão que a 'pele viva' do planeta está cada vez mais degradada, realidade que é uma séria ameaça para a sobrevivência das sociedades humanas e suas economias.

As medidas a tomar, uma vez que são conhecidos os factores que conduziram à degradação (aumento exponencial da população, desenvolvimento tecnológico, expansão da agricultura e desflorestação, sobre exploração dos recursos marinhos, entre outros), têm que se basear nos principais factores biológicos que favorecem a resiliência dos ecossistemas face a agressões externas (caso das alterações climáticas). Tal pressupõe um investimento importante na área da ciência e inovação, para que sejam colmatadas as lacunas

existentes no conhecimento.

Refira-se, ainda, que a Estratégia Nacional de Adaptação às Alterações Climáticas pressupõe uma visão integrada para o território e uma actuação concertada que não é evidente, não sendo clara a convergência entre os ministérios que se dedicam ao Ambiente e à Agricultura. Mas, é evidente a relação existente entre alterações climáticas, agricultura/florestas, desertificação e, por essa razão, deve-se apostar em acções convergentes nos territórios rurais. O problema colocado pelas alterações climáticas deve ser encarado segundo duas perspectivas, a da mitigação (redução das emissões de gases com efeito de estufa; aumento do sequestro de carbono), e a da adaptação (implementação de um plano sectorial que se encontra em preparação no âmbito da Estratégia Nacional de Adaptação às Alterações Climáticas -ENAAC-).

Os pontos de contacto entre desertificação e alterações climáticas são uma realidade, pelo que se impõem sinergias para colocar em prática acções e medidas conducentes à preservação do solo, enquanto suporte estratégico da agricultura, e florestas, para o desenvolvimento sustentável dos territórios.

Resultados finais desta temática (workshop técnico "Desertificação, Biodiversidade e alterações climáticas- Convergências na acção") são apresentados e difundidos na página do PANCD – Programa de Acção Nacional de Combate à Desertificação (www.afn.min-agricultura.pt/porta/pncd) e na da Sociedade Portuguesa de Ciências Florestais (www.spcf.pt).

Lúcio do Rosário

Ponto Focal Adjunto da Convenção de Combate à Desertificação



Lúcio do Rosário

BREVES

MONSANTO ACOLHE COMEMORAÇÕES DO DIA MUNDIAL DA FLORESTA 2011

O Comité Português para o Ano Internacional das Florestas, através da Secretaria de Estado das Florestas e Desenvolvimento Rural, escolheu Lisboa para acolher a cerimónia oficial das comemorações do Dia Mundial da Floresta 2011.

O encontro, que teve lugar dia 21 de Março, no Espaço Monsanto contou com a presença do Ministro da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas, António Serrano, do Secretário de Estado das Florestas e do Desenvolvimento Rural, Rui Pedro Barreiro, do presidente da CML, António Costa e do vereador dos Espaços Verdes, José Sá Fernandes para além de outras individualidades. Monsanto é considerado por muitos especialistas como uma floresta-modelo, um espaço de eleição para celebrar a floresta portuguesa, razão pela qual foi escolhida para assinalar esta efeméride. Na cerimónia, foi ainda assinado um protocolo para atribuição de apoio financeiro, no âmbito do Fundo Florestal Permanente, para a instalação do futuro Centro de Interpretação do Parque Florestal de Monsanto. Este centro, que estará concluído até ao final do ano, irá permitir um melhor conhecimento do parque, em paralelo com o recém-editado Guia do Parque Florestal de Monsanto. No ano em que se comemora também o Ano Internacional das Florestas o Secretário de Estado das Florestas e do Desenvolvimento Rural, Rui Pedro Barreiro, proclamou que «a floresta portuguesa é um sustentáculo da boa qualidade ambiental e é essencial plantar hoje para se colherem os frutos amanhã, o Parque Florestal de Monsanto é uma mata-modelo quer a nível nacional como internacional», sublinhando que «o parque não é só dos lisboetas, é de todos os portugueses».

Mais informações em <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=88&idi=57026>
Guia do Parque Florestal de Monsanto:
<http://passear.com/2011/02/guia-do-parque-florestal-de-monsanto/>



PETIÇÃO SOBREIRO ÁRVORE NACIONAL DE PORTUGAL

Está a decorrer uma petição pública que visa desencadear o processo de atribuição ao sobreiro do estatuto simbólico de Árvore Nacional de Portugal pela Assembleia da República. A classificação do sobreiro como Árvore Nacional de Portugal, poderia, em adição ao simbolismo do acto, dar a conhecer aos portugueses a importância desta árvore para o país (a cortiça está na base da única fileira da economia em que Portugal é líder mundial na produção, transformação e comercialização) e também alertar para os graves problemas que afectam, no presente, a preservação desta espécie florestal. Para assinar esta petição, por favor aceda a <http://www.peticaopublica.com/Peticao-Ver.aspx?pi=sobreiro>

LIGA PARA A PROTECÇÃO DA NATUREZA E PROJECTO LIFE ESTEPÁRIAS PROMOVEM CONCURSO DE BANDA DESENHADA



Mais informações:
www.lifeesteparias.lpn.pt



Ministério da
Agricultura,
do Desenvolvimento
Rural e das Pescas



Autoridade
Florestal
Nacional



Financiamento: Fundo Florestal Permanente | Edição: Sociedade Portuguesa de Ciências Florestais